

Museu de Ouro

70/50 anos do Museu de Angra do Heroísmo

Celebração dos 70 anos da criação do Museu de Angra do Heroísmo e 50 da sua instalação no Edifício de São Francisco.



Abertura das celebrações do 70.º e do 50.º aniversários do Museu de Angra do Heroísmo.

Texto: **Jorge A. Paulus Bruno** | DRC | Diretor do Museu de Angra do Heroísmo

Fotos: **Museu de Angra do Heroísmo**

No passado dia 30 de março do corrente ano de 2019, o Museu de Angra do Heroísmo (MAH) comemorou 70 anos da sua criação e 50 da sua instalação no Edifício de São Francisco. Para assinalar estas significativas efemérides, tiveram lugar uma exposição, um encontro dos diretores dos museus açorianos dependentes da Direção Regional da Cultura e um concerto.

A exposição, intitulada "Museu em Arquivo: 70 Anos de Imagens", pretendeu ilustrar como o MAH, ao longo de setenta anos, foi reunindo e mostrando muitas histórias que, de certo modo, foram compondo a sua própria história. Aqui se abordou, num primeiro plano, o Museu naquelas que foram e são as suas principais componentes: a fundação institucional, a incorporação de acervo, as instalações e as exposições. Em outro plano,

(...) o MAH é um lugar de informação e de formação, de memória e de inspiração. Um espaço de encontro de memórias coletivas, mas, sobretudo, um espaço de cruzamento e de confluência de expressões culturais, quer sejam antigas, tradicionais ou contemporâneas.

desenvolveu-se a importância do seu arquivo fotográfico para a realização do Museu como entidade geradora de informação e conhecimento.

No âmbito da inauguração desta exposição, foi proferida uma conferência por José Guilherme Reis Leite, realçando as suas memórias sobre esta instituição, numa perspetiva crítica e interpretativa do percurso vivido ao longo das suas sete décadas de existência.

Também na ocasião, foram apresentados dois projetos audiovisuais que o MAH tem em curso: um filme documental e uma minissérie. O documentário "Museu de Ouro" é uma produção do MAH, com realização de Cristina Brum, que procura contar a história deste Museu ao longo dos seus setenta anos de existência. Por outro lado, os episódios da minissérie focam-se exclusivamente nos bastidores do Museu, no seu funcionamento e em toda uma engrenagem quase sempre invisível aos olhos da comunidade. Cada episódio explorará um diferente departamento ou área científica do Museu, assim como os seus mais variados destaques, como coleções e espólios. Neste contexto, foi apresentada uma introdução a essas duas produções: um episódio-piloto sobre conservação e restauro e um trailer do documentário "Museu de Ouro".

O "Encontro dos Museus Açorianos" teve como objetivo a partilha das respetivas missões, sucessos, insucessos, dificuldades, com o fim último de proporcionar um melhor conhecimento entre todos e

consolidar ainda mais um necessário e verdadeiro espírito de equipa. Contou com a participação e intervenção dos diversos diretores, com entrada livre a todos os interessados. Considerámo-lo importante e oportuno, porque entendemos que, só nos conhecendo uns aos outros, de modo essencialmente informal e liberto de limites regulamentares, temos a oportunidade de convergir para tornar mais eficaz o papel destas instituições nas comunidades onde se inserem, pois, apenas aprendendo uns com os outros, partilhando experiências, as boas e as más, é possível alcançar os objetivos e as metas de gestão que são propostos pela tutela.

Após a abertura pelo Secretário Regional da Educação e Cultura, seguiu-se uma intervenção de Jorge Pamplona Forjaz, em representação do Instituto Histórico da Ilha Terceira, subordinada ao tema "O papel do Instituto Histórico da Ilha Terceira na criação do Museu de Angra do Heroísmo". Ao longo da manhã e da tarde, cada um dos diretores dos museus apresentou uma comunicação sobre um tema relacionado com a sua instituição.

A concluir este programa comemorativo, à noite, decorreu um concerto intitulado "Canções de Abril", pelo Quinteto de Carlos Alberto Moniz, na Igreja de Nossa Senhora da Guia, realizado no âmbito da Temporada Artística de 2019 da Direção Regional da Cultura.

Em simultâneo, foi apresentada, no mesmo local, uma mostra de joias, cuja

criação pelos designers de joalheria, Manuela Ferraz e Carlos Fontes, responsáveis pela fundação da marca *Flyingfish Jewels*, se inspirou em motivos açorianos e algumas concretamente em peças pertencentes ao espólio do MAH, que designámos como "Joias Açorianas no Museu de Ouro".

Embora tenhamos celebrado o passado desta instituição, importou também, na ocasião, refletir sobre o papel que o MAH representa no contexto da sociedade terçeirense e açoriana, onde se insere, sem esquecer a sua presença no plano nacional, especialmente através do seu Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima. Com efeito, o MAH é, no tempo presente, simultaneamente, uma instituição e um equipamento cultural com uma atividade dinâmica e uma imagem amplamente consolidadas na sociedade, que procura, não só oferecer uma leitura interpretativa do passado, como também proporcionar uma intensa e consistente reflexão sobre o presente.

Realizando uma considerável pluralidade de atividades, o MAH tem ido ao encontro dos mais diversos públicos, propondo-lhes uma multiplicidade de ações geradoras de um positivo diálogo entre si e os seus utentes.

O MAH é um museu polinucleado, georreferenciado, onde os planos local, regional, nacional e mundial se cruzam e se completam, pois a localização estratégica e a história inserem as ilhas dos Açores num contexto político global e, dentro deste, a ilha Terceira e a cidade de Angra, com as suas centralidades. Daí que o MAH seja um museu de síntese, onde se procura refletir, ao mesmo tempo, uma história com os seus factos e movimentos político-económicos marcados pelo domínio do Atlântico e uma cultura nas suas múltiplas formas e significados gerados e moldados por uma existência insular. Somos um museu que procura envolver o público na exploração da Cultura, numa perspetiva açoriana e atlântica. De resto, a Geografia e a História inserem



Exposição Museu em Arquivo: 70 anos de Imagens.

as ilhas dos Açores num contexto cultural, social, político e económico global.

O MAH assume também esta ação pela diversidade do seu acervo, onde reside, em parte, a sua grande riqueza. São notáveis as suas coleções de Militar e de Transportes de Tração Animal dos Séculos XVIII e XIX, que permitem compará-lo a outros museus portugueses; de Pintura, de Imaginária, de Cerâmica e de Mobiliário, que o colocam numa posição privilegiada entre outros museus regionais; de Etnografia que o tornam, naturalmente, representativo de outras formas da cultura terceirense. Mas não deixa, por isso, de possuir um número considerável de outras coleções menos conhecidas, mas não menos importantes, tais como as de Ciência e Tecnologia, de Têxteis, onde se guardam trajes civis, militares e religiosos, de Brinquedos e Jogos, de Instrumentos Musicais, de Memorabilia e Colecionismo, de Náutica, de Arqueologia, de Espécies em Pedra, Africana, e de Numismática e Notafilia, para além de uma

enorme quantidade de documentos gráficos, de fotografias, de suportes de som e espólios pessoais, de entre os quais os mais significativos são os de Francisco de Lacerda, Artur Santos e Baptista de Lima.

Impõe-se referir o empenhamento e profissionalismo das diferentes equipas do MAH, a quem se deve seguramente muito do seu estatuto de referência na comunidade, não se devendo esquecer também as múltiplas parcerias estabelecidas com as mais variadas pessoas e instituições, que nos ajudam a enriquecer a nossa oferta cultural, desde aquelas que têm um estatuto de residente, como o grupo de teatro A Sala e o organista Gustaaf van Manen, a todas as outras que, pelas mais diversas formas, se associam e colaboram com este Museu.

Com efeito, o MAH é uma instituição central no contexto das instituições culturais da ilha Terceira. Central, porque surge hoje comprometida com a sociedade onde se insere; central, porque está aberta



Encontro de Museus Açorianos.

e oferece um discurso erudito, do mesmo modo que, sem qualquer prejuízo de qualidade cultural, estética, científica ou outra, assume uma postura junto do cidadão comum, convocando-o para as suas variadas atividades. Entendemos que um museu não pode ser apenas um baluarte de erudição, tornando-se, por consequência, acessível apenas a uma determinada faixa de público. Um museu tem também de ser mais do que isso. Tem de ter a capacidade de dialogar com todos os públicos, dos mais aos menos esclarecidos. Nenhum visitante das suas exposições ou espaços, ou participante das suas atividades, alguma vez se deve sentir incapaz de entender o que lhe pretendemos comunicar, nem tão pouco sentir-se constrangido ou diminuído quando está nas suas instalações.

Procuramos ir ao encontro dos diversos públicos que nos frequentam, desde os turistas aos locais e nos que tomam parte nos

nossos projetos socioeducativos (crianças, adultos e idosos), oferecendo-lhes um variado leque de oportunidades: exposições, concertos, ceias temáticas, teatro, espetáculos, workshops e ateliês diversos, entre outras atividades. As nossas portas estão sempre abertas a todas as formas de cultura. Não somos seletivos senão na qualidade, mas somos inclusivos na totalidade.

Dedicamos especial atenção à comunicação com os nossos públicos. Entendemos que não serve apenas fazer, mas há também que dar a conhecer o que se faz, o que acontece na instituição. Há onze anos que temos uma página na web que é atualizada diariamente, a qual, nesta ocasião, tem um novo visual gráfico e passa a estar programada para ser acedida em modo de telemóvel ou tablet. Há vários anos que dinamizamos uma página no Facebook, que já ultrapassou os 5.700 subscritores, que nos qualificam, numa escala de 5, em 4,9.



Canções de Abril pelo Quinteto Carlos Alberto Moniz.



Exposição Joias Açorianas no Museu de Ouro.

Recentemente, continuando a adaptar-nos aos tempos que correm, passámos a ter também uma presença no Instagram. Tudo isto porque reconhecemos não fazer sentido não comunicarmos hoje através dos meios eletrónicos e digitais, onde nos é exigida uma atualização de informação constante, de forma a podermos acompanhar as tendências de cada momento e a captar a atenção do público. Acresce que, no âmbito dos suportes de comunicação digital, tal como na produção de folhetos, catálogos ou outros suportes, dedicamos uma permanente preocupação à estética e ao *design* de comunicação.

Temos sido pioneiros em muitas destes aspetos nos Açores e orgulhamo-nos de servir de exemplo para outros museus, com quem, junto de alguns, partilhamos exposições itinerantes, qualificando os seus planos de atividades.

Somos um museu interdisciplinar e um museu de síntese, onde se procuram refletir uma sociedade e uma cultura moldadas, ao mesmo tempo, por movimentos político-económicos que marcaram o domínio do Atlântico, pelos condicionalismos de uma existência insular e pelas aspirações das suas gentes.

Como "Casa das Musas", o MAH é um lugar de informação e de formação, de memória e de inspiração. Um espaço de encontro de memórias coletivas, mas, sobretudo, um espaço de cruzamento e de confluência de expressões culturais, quer sejam antigas, tradicionais ou contemporâneas. Um centro de recolha, estudo, tratamento, conservação e divulgação, onde as pessoas podem aprender, recrear-se, recordar e usufruir, mas também questionar, confrontar e inquirir os caminhos do futuro e da novidade.